

A LAGRIMA

QUINZENÁRIO ILLUSTRADO

CONSELHEIRO JOSÉ NOVAES

Difícil, se não impossível, tracejar o retrato moral e intellectual do homem illustre, do cidadão benemerito, cujo nome fulgura no alto d'esta pagina, e mormente quando se limita o espaço e escaceia o tempo.

Felizmente, que o conselheiro José Novaes está já biographa lo com verdade e consciencia em diferentes publicações. *A Lagrima* limita-se agora a prestar-lhe, mais uma vez, a homenagem do seu respeito e admiração, sem, to lavia, deixar de lembrar que o conselheiro José Novaes é um cavalheiro que ergueu, na admiração e respeitosa sympathia de todos os seus concidadãos, um duradouro e perduravel monumento.

Já foi posto em relevo o valor real da sua intelligencia e da sua incontestavel importancia politica. São conhecidos os attributos que avantajam superiormente a estatura moral e intellectual do nosso dilecto patrio, que occupa um logar proeminente no mundo social e politico.

Era nosso desejo glorificar e assignalar a individualidade tão distincta, alumiando-a da sua propria luz e mostrar a sua notavel figura atravez dos seus muitissimos aspectos; mas, para isso, era necessario tempo e espaço que não temos.

Por isso, limitando-nos, diremos:—que a sua vida immaculada; as suas actividade e energia

manifestadas de uma maneira assombrosa, e a coherencia em todos os seus actos, — são licção e ensinamento, porque proveem d'um homem insigne e notavel em todas as phases da sua vida.

E' ver: — Como estudante em mathematica, philosophia, theologia e direito, em cujas duas ultimas faculdades se formou, foi galardoado com *distinções e accessits*. No fóro, notavel; na politica, notabilissimo; no parlamento, um orador arrebatado, vehemente, convicto, de uma argumentação cerrada e fluente, e ahí, como cá fóra, prende e arrasta os auditorios.

Barcellos eo seu concelho devem-lhe os seus mais notaveis melhoramentos. Estão inventariados em diversos jornaes; mas entre elles destaca-se o de impedir a criação de uma comarca em Espozende, projectada ha annos. E', a par de tudo e acima

de tudo, um patriota que reúne aos dotes que a natureza lhe concedeu, uma vontade inflexivel, uma perseverança infatigavel. Manifesta clara e lucidamente a sua notavel intelligencia, e afirma, em brilhantes scintillações, o seu enorme talento.

Eis ahí o que é e o que vale essa individualidade tão distincta, cuja nobre e tão sympathica figura illustra hoje esta pagina, com que *A Lagrima* sobremodo se ufana.

Barcellos, 18 de dezembro de 1897.

C. Pinto.



A LAGRIMA

NOTAS DA QUINZENA

A famosa data do 1.º de dezembro foi festejada, na Assembléa Barcelense, com a ingestão de biscoutos da Pampulha e vinho do Porto, no meio d'um pernejar doidejante, prolongado até as 3 horas da manhã do dia immediato, já, então, rumorizadas, pelo amassar de pão na casa do Brasileiro.

O Amaro andára offegante nos arranjos do serviço, dispondo para isso de todas as forças physicas, e até alguém lhe vira a luzentissima careca borbulhar lagrimas de enfado.

Seu filho José, o nosso amigo Terroso, nariz afiado como se fosse apagador de vélas, desafiava, em actividade, o auctor dos seus dias, pondo, tambem, em relevo, o seu geito artistico, na compostura dos pratos, para os salvar, na apparencia faustosa, da barateza, economica, do custo.

Ainda não ha muitos annos, o cabido e commendadores da terra, promoviam *Te-Deums* na Collegiada, no 1.º de dezembro, para soberana saliencia das encarnadas meias dos conegos e fulgencia das condecorações ganhas em pró da liberdade...

Hoje o incenso é substituido pelo vinho e doce, que são mais estomacaes, e abdoaminam o patriotismo da barriga.

E digam lá se não é dôce recordar, n'um salão illuminado á razão de 60 reis por candieiro, os feitos praticados pelos heroes de 1640, tendo-se diante a belleza d'uma dama...

N'essas occasiões ha de se pensar no heroismo.

Qualquer de nós julgar-se-ha um Pinto Ribeiro do... amor.

... Mastigando uma bolacha Maria...

*

Mas agora, leitor amigo, deixa o Amaro e o filho, esquece os biscoutos e o vinho, a dança e as alegrias, da noite, para teres diante de ti o Ramires, luzente nos collarinhos irreprehensivelmente engomados.

Regenerador e progressista e vice-versa; camarista de ambas aquellas facções politicas; jornalista com serviços politicos nas folhas locais, órgãos d'aquelles partidos; advogado com favores salientes aos filhos de Passos e de Fontes, e camarista ás ordens do sr. dr. José Ramos e conselheiro José Novaes.

Honrado em todos os papeis da vida publica, e sempre correcto no portuguez.

Será incapaz, como nos tem demonstrado, de produzir um *artigo* rubro; de desbanear com a sua loquacidade um João Joaquim Fernandes; mas nunca, fallando ou escrevendo, estará fóra dos dominios da grammatica.

Poderão chamar-lhe, ironicamente, um grande *sujeito* na politica; um jornalista sem

concordancia no crêdo, e até que não é o *superlativo* dos advogados, mas ninguem provará que o viu ou ouviu fóra da grammatica...

E' o seu forte, o seu reducto.

Sem actividade, devido ao seu temperamento fleugmatico, sóbrio, é capaz de andar um anno em volta d'uma vela de sêbo para a apagar, sem o conseguir fazer.

Já nos esquecia d'outra particularidade.

O Ramires é egualmente afinado no fato.

Nunca habitante d'esta villa «pacata e mestra da ociosidade», segundo o illustre dizer do pyndarico collega da «Folha», lhe viu uma dejecção de mosca na irreprehensivel camisa.

Houve ali a epocha em que elle, e o Sardinha, marcavam o *zenith* da perfeição engomatorial, olhada, com inveja, de dentro de uma frescalhota camisa de chita, pelo Lourenço da Mendauha.

Poderá, pela falta de inspiração, não produzir um trabalho jornalístico que se admire; não se abalancará a muito longe em investigações da sua profissão; não vencendo nem convencendo, em ambos os casos, os seus adversarios—mas sae victorioso, naturalmente, na correccção da prosa.

Analysai-o n'uma reunião politica; estará pecco, molle, pegado, amarrado um *tudo-nada* importancial; mas lá o vereis triumphante, sobre todos, no aprumo da sua negrejante sobrecasaca e na brancura feridôra da camisa.

Este homem extraordinario, batido por desgostos nos dois partidos dominantes, escaramuçado em polemicas rubras e chammejantes, no «Tirocinio», tem o seu fraco—chora e amua como um menino quando o atacam na imprensa.

¿Mas que admira? Tambem o crocodilo tem os seus prantos, lagrimas o veado e as couves desde a gallega á tronchuda choram pelos seus gommos...

E' ver.

Chamado a campo por um communicado publicado no «Barcellos», em que se lhe apontavam irregularidades praticadas como presidente da Associação Barcellinonense—de que não queremos saber—s. ex.^a tinha tres campos a seguir:

1.º—Se achasse o communicado fóra da boa educação e se o seu temperamento o pedisse responder-lhe á *bengala*;

2.º—Se estivesse tão baixo na linguagem, insultuoso, que mettesse engulho, não *descer* a ligar-lhe importancia;

3.º—Se o achasse correcto, disvirtual-o, desmentindo-o;

4.º—Responder nos primeiros dois casos á penna, porque, segundo o dizer de Smiles, «os inimigos fortificam-se na adversidade».

¿O que foz, porém, s. ex.^a?

A LAGRIMA

1.^o—Chorou e amou.

2.^o—Procurou o inculpaado director da typographia onde é impresso o periodico em que sahio á luz a accusação, disse-lhe que «fôra comprado por *champagne*» e se pensava «querer a alguém.»

3.^o—Dirigiu-se a casa d'um dos auctores do communicado e pediu-lhe, com os olhos humidos, que lhe pagasse 500 reis d'uma consulta feita ha quatro annos, com caracter *gratuito*.

4.^o—Despediu-se de assignante do... *regenerador*.

D'onde se conclue que tinha razão o illustre filho de Barcellos em dizer que o Ramires «é um homem grande para as coisas pequenas».

Em o *nada*, diz-nos um classico, achou Scokio grande materia para um livro; sobre os louvores do *ponto*, distendeu Martinho del Rio, a circumferencia do seu vastissimo engenho; illustrou Jano Dousa o seu nome com o panegyrico que fez á *sombra*; nos enconios do *lodo* apurou Antonio Majoragio a sua eloquencia, e entre as obras que apregoa a fama, se leem os elogios que Celio Calcagnino fez á *pulga*, a erudição de Puteano ao *ovo* e a subtiliza de Phillippe Melancton á *formiga*.

Em Cousa Nenhuma celebrará a historia o Ramires.

O Chico Carmona, pela calada, pelo silencio, fez muito á Barcelllenense, sem embicar com um palmo de prosa, semelhante ao comprimento da sola d'um chinello de liga commun.

Os dignos membros d'Aquella Associação seriam melhor aproveitados se o Ramires fosse, como no portuguez,—*correcto*...

...Porque, do contrario, é um *verbo* fóra do tempo...

Nada mais mettediço, mais *soalheiroso*, que o *reporter*.

Faz lembrar a rua Nova de S. Bento a passear ensobrecasacada na Direita.

Transporta-se no cavallo, no carro, no comboio, no barco, nas pernas,—sempre de nariz farejante, em procura d'um rasto.

E quando se trate de crime importante, como o dos Feitos, o *reporter* é o marchante da propria victima; retalha-a; de mãos ensanguentadas remeche-lhe a intestina la to la; an la por dentro dos «vasos da *meninge* crancana» a ver se *encontra* por lá alguma carta, mesmo um cartão de visita com o nome da victima.

Depois vem, por exemp o, para a «Folha da Maniã», e, com as mãos a cheirarem a *bedum*, tem a coragem de *romantisar* o crime, principiando, como nos romances de Escrich: «Barcellos, a pacata villa de Barcellos»...

...E como ao *reporter* não deve passar des- percebida a mais pequena particularidade, para auxiliar a policia, descreve até o sitio onde apparece a victima: «...a um lado matto e ao outro sovereiros, a victima estava em parte devorada por animacs carnivoros.»

¿O que faz a auctoridade? Tira d'isto conclusões:

—«O criminoso escondia-se no matto, alimentava-se de bolota e de carne—foi um javali.»

O *reporter* presta, como veem, um serviço muito grande á policia.

Ha *reporters* que para se tornarem agéis na informação—«até dão sebo nos calcanhares». E' ler a «folha».

Um moço barcellense, que não prima pelo entroncado do corpo, nem pelo rubor das faces, namorou-se, ha alguns mezes, d'uma joven menina que aqui residu bastante tempo, mas que obrigada por circumstancias de familia se retirou com esta para fóra do nosso paiz.

Fez escala pelo Porto.

O nosso joven, amante estremecido, sabendo da sua retirada tão brusea, só teve tempo de a ver partir no comboio, de dentro d'uma das portas da estação do caminho de ferro, d'esta villa, e de lhe dizer um secco adeus.

E dizemos secco, porque o seu coração, em ponto de rebufado, queria uma despedida molhada com beijos e com lagrimas.

Sonhára, n'essa noite, com o lenço branco com que lhe açanira da carruagem a sua querida, e com a maldita galgueira de St.^a Martha, que lhe escondera, no ultimo instante, o fim d'um signal que ella lhe fazia.

Um dia recebe uma carta sua, indicando-lhe a morada.

Está no Porto, para onde parte o nosso heroe.

Sabe das relações de amisa le que uma senhora mantem com a namorada, e sem a conhecer, dirige-se-lhe:

—«Minha senhora, sou de Barcellos...»

—«Mas que tenho eu com isso?»

—«V. ex.^a sabe por experiencia, o que é uma paixão violenta que nos leva ao sacrificio...»

—«O' senhor... ¿Não sabe que sou casada?»

—«Pois por isso mesmo. Conhece as loucuras do coração. V. ex.^a pôde prestar-me um grande serviço. Sei que conhece uma menina a quem amo, e venho supplicar-lhe, pela felicidade de seu esposo e de seus filhos, se os tem, que consiga que ella falle conmigo. Chama-se ***».

—«E', da minha parte uma temeridade, porque o cavalheiro é-me desconhecido; porém se

Theatro Chalet

Hoje—Ultimo espectáculo—Hoje

A LAGRIMA

os rostos retratam a alma, o sr. parece-me um bom rapaz. Espere, de tarde, a resposta.»

*

Passadas horas o marido d'esta senhora, ignorando tudo, fazia chegar ás mãos da referida menina, d'entro d'um embrulho, um cartão em que dizia—*** está cá. *Consegue vir de tarde aqui.*

E a entrevista effectuou-se.

*

Um creado do hotel com cheiro em *gorgeta*, previne o marido, de que se fallou, que um cavalheiro estranho tinha procurado sua senhora, fallando com ella a sós, em voz baixa, por muito tempo, notando, até, que ella fazia resistencia ás palavras do estranho personagem, chegando a ruborizar-se.

—«Minha senhora, diz o marido encolerisado, veio alguém fallar comsigo na minha ausencia?»

Ella, meio comprometida:

—«Não.»

—«Nunca esperci que tantos annos de paz e amor, fossem perturbados pela mais ligeira sombra de desgosto.»

Aquí entreveio a esposa.

Reprehendeu-o pela offensa que lhe molestára os seus sentimentos de fidelidade conjugal.

Após contára-lhe a innocente brincadeira.

A sua ultima phrase, pronunciada, com um sotaque brasileiro, foi esta.

—«... Até tu foste o *alcoriteiro*.»

Está provado que o Pote não é filho do pae d'elle, porque é simplesmente filho da sua mãe. Os homens, segundo a sciencia medico-cirurgica, não têm filhos.

Se os tivessem, ha muito que as folhas locais teriam publico lo:

«*Bom successo*—Teve-o, no passado domingo, o Peixoto do Milho, dando á luz uma robusta creança, do sexo» etc.

Em todo o caso, isto não tira que o nosso amigo Pote seja mais fino do que o esposo da mãe d'elle.

Demonstra-o assim:

—«Ferreira, dizia o Fernando Marinho, o irmão de teu tio, que não é teu tio, o que te vem a ser?»

—«E' meu cunhado.»

*

A proposito diremos que o Ferreira nos procurou para declarar, a respeito d'umas referencias feitas, n'este quizenario, á sua pessoa, a sua situação instructiva:

—«Eu num admira que dê alguma patada por fóra. Num sei ler. O que eu queria ver embirrar era cuns que saibo mais do quéu.»

E' certo que o Ferreira tem a maioria por si, porque Portugal é um dos paizes onde ha mais analphabetos.

O crime dos Feitos tem enchido as conversações nas lojas de barbeiros.

Ninguem como estes artifices sabe o que se pensa sobre a victima e criminosos.

O nosso amigo José Cândido Gonçalves, conheceu, segundo a opinião publica, quem foi o infeliz assassinado, por que era seu freguez, usava uma roupa assim, um bigode assado e pagava até muito bem....

Mas qual não é o seu espanto quando o tal individuo que tinha na mente se assenta no seu atelier barbeiral a solicitar-lhe os serviços.

José Cândido, que não acredita em resurgimento de Lazaros, paciente e socegado, embelezza a cabeça ao recemchegado, e vendo passar o Manoel do Tanque, conta-lhe o estranho caso e obtem como resposta:

—«Nada, este não foi o sr. que mataram.»

Ahi vae a prosa d'um individuo que escreve tão bem como o Pote falla:

«Amigo Sr. tunaz araujo mandeme um maço de Rapé Vingrinho, um maço de cigarros, um maço de charutos de piçar, um quilo de Rusquilhos. F.»

A Moda Elegante.—Vejamos os dois primeiros n.ºs d'esta publicação de modas. E' coisa de primeira ordem. Uma profusão de figurinos, cada n.º, um dos quaes colorido, um maldo cortado, uma seço litteraria cuidadissima, uma impressão e papel de luxo e a barata de custo—por anno, 4:000 reis, semestral, 2:000 reis e trimestral 1:000 reis. Recommendamol-a ás nossas leitoras. Pedidos a Guillard, Ailland & C.ª, rua Aurea, 242, 4.º, Lisboa.

Branco e Negro.—A revista mais artistica que temos no paiz e mais barata, levou-a recebido da casa do Antonio Maria Pereira, Farna no fim do anno um lindo volume para moza. Assignasse na alfaiataria Barroso.

Resumo de Civildade Christã.—Feito pelo rev. P.º Roberto Maciel. Trabalho sabido da Livraria Central Editora, de Laurindo Costa, de Praga. O P.º Maciel é um escriptor honesto e intelligente. A sua obrinha é muito apreciavel, porque está bem feita. Custa 400 reis.

Kalendario.—Offereceu-nos um muito *chic* o livreiro Julio Joaquim Parreto, d'esta villa. Junto vinha um chromo para boas-festas, uma belleza! Ambas as cousas tem, em abundancia e variedade, á venda, o sr. Parreto.

Guia medico.—A pharmacia Lemos & Filho, do Porto, brindou-nos com um exemplar d'um tamanho muito commodo. O *Guia* serve para a applicação dos medicamentos mais usados, preparados por Gustavo Chateaut. Custa 200 reis.

Typographia Barcelense

Responsavel—J. Gonçalves da Silva.

(«A Lagrima» é o periodico de maior tiragem em Barcellos)